

Na noite de 17 do findo mês de Junho, no Salão Orfeo, o sr. Júlio Câmara, professor de canto no Conservatório Municipal de Música do Porto, apresentou-se numa audição juntamente com as suas alunas.

Conquanto o programa anunciou-se «Concerto pelo tenor Júlio Câmara», discordamos com a denominação dada, visto esse professor ter somente cantado três trechos a solo, entre vinte e seis obras ouvidas.

Após tão longo silêncio, o sr. Júlio Câmara não se sentiu com forças para arcar sozinho com um programa de concerto, o que é um facto a frisar.

O sr. Júlio Câmara, canta com dificuldade, evidenciando no

registro médio ausência de timbre, voz baça; nos agudos, aspereza gritante, congestionando-se duma maneira assustadora pelo esforço utilizado, quando simula sustentar uma nota aguda fortíssima, acabando sempre por estrangulá-la.

Exemplo frisante: a «romanza» da flor, da «Carmen» de Bizet.

Abusando do falsête, a sua exteriorização mimica e gesticular muito exagerada e algo aparatosa, desnuda os recursos deficientes, nada artísticos, de cantor «accablé».

Repetindo, nesta audição de alunas e não no «Concerto do tenor Júlio Câmara», fizeram-se ouvir ante o contento e embe-

vecimento das famílias das respectivas discípulas Maria Lilia Martins d'Alte, Maria do Céu de Almeida, Aida Emília Pinto Monteiro, Maria Leontina Pinto Basto de Miranda, Alda Stein Cardoso Machado, Maria José Bacelar, Maria Helena Figueiredo Pinto e Irene Augusta Roseira Monteiro, convencidos nós, que os recursos naturais das suas vozes juvenis, seriam valorizados com outra escola e outros métodos.

O Salão Orfeo, encheu-se, podendo afirmar-se que o sr. Júlio Câmara obteve um êxito financeiro.

E. T. L.

ca—a glutonaria, o alcoolismo, ou mesmo por analogia, o cocainismo, o morfismo...

É interessante—comenta Rickmann—que os próprios filhos de alcoolistas raramente se viciam no alcool, quando crianças. Mas, com efeito, quando já não lhes fica bem chupar o dedo ou roer as unhas, voltam-se muita vez para o copo. Será necessário abolir cedo o prazer da sucção, não prolongar o uso da mamadeira, proscriver em absoluto a chupeta, substituir o hábito de roer as unhas pelo de cuidar delas, etc.

Um dos hábitos que maior prejuizo podem causar à criança, com consequências na idade adulta, é o de dormirem pais e filhos no mesmo aposento. Há atitudes e gestos que a criança pode surpreender, por menos que nos pareça e que lhe impressionam indelévelmente, a memória inconsciente. As convulsões histéricas reproduzem, muitas vezes, fielmente, certos movimentos tidos pela moral como desonestos. Essas atitudes são muita vez interpretadas intimamente pela criança, como gestos agressivos ou defensivos, respectivamente; e a emoção infantil pode dar lugar à repulsa pelo genitor do mesmo sexo ou à tendência a imitá-lo.

Seria longo examinar cada um dos casos em que a sexualidade infantil pode influir na génese das futuras perturbações do espirito do adulto.

O tempo urge e é necessário examinar outra parte da questão.

Como se faz a psicanálise e como se pode aplicá-la na prática pedagógica?

Em breves traços pode dizer-se que se faz a psicanálise, na clínica, estudando as associações de ideias, comentando os erros, lapsos e esquecimentos e analisando os sonhos. Para a associação de ideias, há o processo livre, pelo qual o paciente

é levado a pensar em voz alta, dizendo as palavras que lhe venham à mente; o analista observa as reacções emotivas—gestos, sorrisos, suspiros, entonação, que acompanham cada ideia; há também o método de test, pelo qual o analista dá ao paciente, uma após outra, uma série de palavras, convidando-o a dizer imediatamente outra palavra sugerida pela primeira; marca-se o tempo da resposta, assim como as sensações emotivas. Sobre as ideias mais interessantes, manda-se que o paciente associe outras e—o mais difícil—procede-se à interpretação. Outras associações devem ser provocadas em torno dos erros, lapsos e esquecimentos, assim como em torno das ideias contidas nos sonhos. Todo o sonho tem um conteúdo latente e um conteúdo manifesto. As ideias emotivas reclusas no inconsciente, isto é, os complexos recalçados, nem sempre aparecem claramente; quasi sempre se manifestam por símbolos. Interpretar esses símbolos—é a difícil tarefa do psicanalista; é por meio da associação provocada de ideias que se chega, geralmente, a essa interpretação.

Descobertas as emoções remotas, os complexos, provada a sua inaniidade ou mesmo infantilidade, obtem-se geralmente a cura. Outras vezes, quando não é possível desarraigar de todo os complexos, provoca-se a sua sublimação, a transformação da tendência sexual em ocupações inócuas, de arte, de desportos, etc.

Na prática pedagógica, a colaboração do médico, do psicologista e do pedagogo, é facto corrente, nos centros adiantados. A interferência do psicologista especializado em psicanálise é, porém, do mais util proveito. Esse sistema foi iniciado em Zurich (Suíça) pelo Dr. Otto Mesendieck num sanatório de crianças neuróticas, em 1912. Mais re-

centemente, foi empregado na Austria pelo Dr. Aichhorn.

Naturalmente, a psicanálise se emprega de preferência nas crianças nervosas, nas viciadas, nas que demonstram peculiaridades de carácter, nas tímidas, nas arrogantes, nas rebeldes, nas mentirosas...

O estudo aos erros, dos esquecimentos, tão frequentes entre os escolares, fornece bastos elementos à psicanálise. Mesendieck analisava os alunos pelas respostas da aula. Assim, por exemplo, um pequeno que tinha aversão ao sexo materno e cujo pai era um esposo tirano, não fazia o feminino do adjectivo francês **fraternal**, alegando que, significando o masculino dessa palavra (relativo a irmão, o feminino significaria «relativo a irmã» ou que não pode haver sentimento fraternal para com a irmã. Outro, filho dum militar arrogante e com o mesmo vicio de carácter que o pai, recusava-se a traduzir a pergunta em inglês: «Você tem uma vaca?» E acabou, respondendo: «Eu ordeno que você diga se tem uma vaca». A sua situação social não iria bem fazer aquela pergunta, demonstrando tão prosaico desejo.

Eis aí um campo vasto para o desenvolvimento da pedagogia científica. O assunto exigiria muitas e muitas horas de paciência radiofónica, se se me permite a expressão. É claro que apenas desejamos chamar a atenção daquêles que se interesam pela educação e pela pedagogia, para que voltem os olhos para essa fonte inexgotável de factos psicológicos que é a doutrina do sábio prof. Freud.

Já desde muito se sabe que não há crianças rebeldes; há apenas defeituosas morais, por culpa dos pais e dos educadores. Que cada um que tenha a seu cargo um pequeno espirito a modelar, plástica como a cera mole dos escultores, procure informar-se dos conceitos da psicanálise.